

A INTER-DICÇÃO DO SINGULAR

VIVIANE VERAS*

(Doutora em Lingüística: IEL - Unicamp)

1. Em um curso ministrado no IEL, no primeiro semestre de 97, contrapondo-se a Jean-Claude Milner - que interpreta o estruturalismo de Saussure como uma volta à ciência antiga (uma vez que suspende sua relação com o empírico, buscando uma epistemologia do mínimo), Cláudia de Lemos reconhece em Saussure um desejo: *o desejo de surpreender um funcionamento da língua anterior ao funcionamento de categorias*¹. Como falar em categorias se, por exemplo, o advérbio muda - os advérbios do latim passam a se flexionar? Como é que a forma *unus* vai desembocar no *um* - numeral (quantidade descontínua, enumerável), e no *um* - artigo indefinido (que não coincide com a quantidade numerável)? Mas, observa ainda, se Saussure via a mudança (e o caráter contingente das formas fônicas) não via as leis que mostravam sua restrição (que responderiam pelo fato de que os elementos não se combinavam à toa, e mantinham entre si relações constantes); *restrição* como conceito que, na teorização, corresponde à necessidade da lei. Saussure não se pergunta por que há restrições, deseja ir à constituição. Lá, no funcionamento — excluído o heterogêneo, o que não se submete à lei — as restrições estariam presentes, mas, de todo modo, afirma, Saussure não as explicita.

Em *Questioning the notion of development: the case of language acquisition*², Cláudia de Lemos reconhece, nas próprias tentativas de resolver o que chamou de *paradoxo da mudança* (a evidência da mudança em contraste com o fato de que mesmo grandes mudanças, como as que fazem a passagem do Latim para as Línguas Românicas, não interrompem a troca lingüística na comunidade lingüística), o caminho traçado por Saussure, movido por esse desejo. Argumentando em favor de isolar os pontos de vista diacrônico e sincrônico, sobrepostos no trabalho dos comparatistas, Saussure encontra uma saída; saída que é reconhecida pela autora como um passo teórico na direção de uma outra dicotomia, a dicotomia “*língua*” vs. “*fala*”.

* Pesquisadora do Projeto *Língua Materna em Instância Paterna*, sob a coordenação da Prof. Dra. Nina Leite.

¹ Cláudia de Lemos, *Notas*, 2 de abril de 1997.

² Cláudia de Lemos, “Questioning the notion of development: the case of language acquisition”, 1999, *mimeo* (traduções minhas).

É no contexto dessas tentativas de Saussure, de alcançar uma coerência teórica como um gramático comparatista, que Cláudia de Lemos encontra *parte*³ (aspecto que sublinho no momento e que retomo a seguir) do suporte teórico para suas próprias questões sobre as mudanças na linguagem da criança, no campo da aquisição de linguagem. A fala da criança, heterogênea, fragmentada e imprevisível, do ponto de vista lingüístico, afirma a autora, não impede que a ela se dirijam e que a interpretem como falante da língua de sua comunidade lingüística; e as mudanças pelas quais ela passa, assim como as mudanças nas línguas, são estruturais, ou seja, não implicam (embora possam ser ordenadas cronologicamente) a noção de desenvolvimento.

A fala da criança é um desafio para o trabalho de Cláudia de Lemos; mais que um desafio, eu diria que é aquilo que o causa⁴, entre a *pressão para atribuir um status teórico à interação adulto-criança no processo de aquisição de linguagem e a resistência da fala da criança à análise lingüística*⁵. Se o trabalho do Saussure do *Curso* fornece-lhe *parte* do suporte teórico de que necessita para o tratamento de seu objeto, é na psicanálise que encontrará de fato algumas respostas para as questões levantadas no curso acima mencionado: à contingência das mudanças na fala da criança, Cláudia de Lemos acrescenta, de saída, a restrição, a necessidade da lei que nenhum homem desconhece, já que a lei do homem é, como afirma Jacques Lacan, *a lei da linguagem, desde que as primeiras palavras de reconhecimento presidiram os primeiros dons [...]. Será nesses dons, ou então nas senhas que neles harmonizam seu contra-senso salutar, que começa a linguagem com a lei [...]*⁶.

Mas retornemos a Saussure. *De fato, embora o sujeito-falante possa reconhecer a variação, não está ciente da mudança que pode vir da variação*⁷. Que ciência daria conta desse não saber? Saussure constata que o falante não se dá conta da mudança, da sucessão no tempo, está sempre frente a um estado. Quanto ao lingüista, se ele quer compreender esse estado, deve deixar de lado o que o produziu e *ignorar a diacronia*⁸. Identificando a *fala* (esfera das ações individuais) como *locus* da mudança e removendo-a da *linguagem*, Saussure encontra, segundo Cláudia de Lemos, o sistema autônomo da *língua, que não conhece senão sua ordem própria*. É o funcionamento sincrônico do sistema que vai poder, diz a autora, responder pelo que chamou de

³ “A teoria de Saussure proporcionou parte do suporte teórico necessário para alcançar as conclusões...” - Idem.

⁴ *Causa*, na função que lhe dá Jacques Lacan, no *Seminário 11, como intervalo entre ação e reação - não há causa senão do que falha* (Cf. *Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*, Paris: Points, 1964, pp. 30-1.).

⁵ Cláudia de Lemos, “Questioning the notion of development: the case of language acquisition”, 1999, mimeo (grifos meus).

⁶ Jacques Lacan, “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise”, in *Escritos*, trad. de Vera Ribeiro, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 273.

⁷ C. de Lemos, op. cit. (grifo meu).

⁸ Ferdinand de Saussure, *Cours de linguistique générale*, Édition critique préparée par Tullio de Mauro. Première édition, Paris: Payot, 1916, apud Cláudia de Lemos, op. cit. (Todas as citações do *Curso* são referências do trabalho da autora, traduzidas por mim).

obliteração dos fatores históricos, culturais ou psico-fisiológicos (no caso das leis fonéticas⁹).

Embora pareça acomodar num mesmo tempo (*sunkhronos*) o vir-a-ser da mudança, a solução incomoda. Se o estado presente é um estado possível, um estado efetivo, o número das possibilidades sempre excede o das efetividades¹⁰. Além disso, se a possibilidade de mudança se abre na fala, como esse (e)feito de fala desemboca na língua como fato de língua? Cláudia de Lemos vai direto ao ponto: *a obliteração de ambos [os fatores] - aquele evento singular e os processos de identificação social - que colocaram a mudança em movimento não parece ser explicável sem que se conceba a língua como um sistema de relações autônomo*¹¹.

Buscando o que Saussure observa com referência à aquisição de linguagem pela criança, a autora retorna com ele ao início do *Curso*, momento anterior ao corte, à operação conceitual que definirá a língua. Nesse momento, Saussure constata que *a cada instante, [a linguagem] implica ao mesmo tempo um sistema estabelecido e uma evolução... o que é e o que foi*; momento em que se pergunta se a questão seria mais simples *se se considerasse o fenômeno lingüístico em suas origens e se, por exemplo, se começasse a estudar a linguagem das crianças*. Cláudia de Lemos sublinha sua resposta: ***Não, porque é uma idéia muito falsa crer que, em matéria de linguagem, o problema das origens difere daquele das condições permanentes; [...]***¹². Com esse retorno ao que antecede a escrita da barra saussureana, sua leitura escreve, nas *condições permanentes*, aquilo que a barra nela teria excluído: a atividade do sujeito-falante como fonte da mudança e os processos através dos quais ele tanto é identificado quanto se identifica com o outro (alteridade obliterada em favor da similitude); a língua que, como sistema de relações internas, oblitera ambos, similitudes e diferenças que lhe são externas. Assim, a fala retorna como fala do outro — através da qual a criança é capturada pela linguagem e identificada como sujeito-falante — e também como uma instanciação da língua, funcionamento sistêmico.

Agora, entre a contingência e a necessidade, a autora encontra a possibilidade de fazer passar a aquisição da linguagem de *processo de aprendizagem e/ou construção do conhecimento requerido para que uma criança se torne um falante nativo da língua particular destinada a ser sua “língua materna”*¹³ — que esbarra em obstáculos empíricos e teóricos determinados pela resistência da fala da criança a adequar-se aos estágios propostos para domá-la e, assim, poder deixá-la de lado — para uma aquisição de linguagem como *processo subjetivante, definível pelas mudanças na posição da criança numa estrutura, na qual a língua, a fala do outro em seu sentido pleno estão inextricavelmente relacionadas com um “corpo pulsional”, isto é, com a criança como*

⁹ Referência a uma mudança fonética (a da metafonia produzida pelo -i no antigo alto alemão - *gasti - gesti*), que resulta em valor morfológico (*Gast-Gäste*, no alemão moderno), marca de diferença entre singular e plural, disseminando-se ainda como flexão verbal (*tragit-trägt*). Cf. F. de Saussure, op cit, p. 121.

¹⁰ Friedrich Nietzsche, “O eterno retorno”, in *Obras incompletas*, tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho, São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. 388.

¹¹ Cláudia de Lemos, op. cit.

¹² F. de Saussure, op. cit., p. 24.

¹³ Idem.

um corpo cuja atividade demanda interpretação¹⁴. Entendo, assim, que o trabalho de Cláudia de Lemos, apoiando-se também em parte na psicanálise, torna possível escutar aquilo a que a fala da criança apela e, no dizer-sim do o/Outro, que antecede esse apelo, na relação ao discurso do Outro nela, as tonalidades do afeto (à flor da fala), que vão modelá-la, como afirma Lacan¹⁵, na função do simbolismo, que instalam nela um modo de falar. Esse modo que, no entanto, só se demonstra, continua Lacan¹⁶, escapando do dito. Tomando como ponto de partida a lei ditada pelo objeto de estudo, é possível fazê-lo ser, e, pelo fato mesmo de submeter-se a essa lei, dispor-se a deixá-lo vir-a-ser. Entre a in(ter)venção e a disposição, abre-se, em seu trabalho, um vão em que algo necessariamente se oblitera, ao mesmo tempo em que dá lugar ao outro que, por sua vez, corre também o risco de, buscando dizer alguma coisa disso que se oblitera, reproduzir o gesto da obliteração.

2. Proponho, então, também com Cláudia de Lemos¹⁷, um outro retorno a Saussure, recolocando em cena a tensão em que seu trabalho de constrói. Com o Saussure da lingüística comparada, dos processos de decomposição etimológica, ao Saussure dos cadernos escolares. De *skholé*, “a holding back” (um reter, refrear, guardar para uso futuro), mas também de um “holder back”, *Hektór*, cuja solicitação, escreve Saussure¹⁸, seu ouvido recebia inconscientemente, solicitação que criava este sentimento de “alguma coisa” que tinha relação com os nomes evocados nos versos [de Virgílio]; nos quais se escreve sem ser pronunciado¹⁹, enquanto ele buscava o filho de Príamo, na cadeia dos anagramas. Saussure dirá que tem o sentido de uma assinatura, que ele faz alusão, que reproduz por escrito como um escrivão, um secretário, ou mesmo como se sublinhasse, por meio de pintura, os traços do rosto²⁰. Mas... e se fosse apenas uma sugestão ditada pela presença do nome *Hector*, nos próprios versos? Abre-se um parêntese para a dúvida, mas seu enunciado diz mais que isso: diz que *Hector* estava presente nos próprios versos²¹, enquanto um *Hector* anagramático, espectral, se apresenta dentro da cena e numa outra cena²². Starobinski²³ observa que Saussure apenas constatara o procedimento

¹⁴ Idem.

¹⁵ Jacques Lacan, “Conférence à Genève sur le symptôme”, in *Bulletin de l'Association freudienne internationale*, Paris, 1996, p. 6.

¹⁶ Jacques Lacan, “L'Étourdit”, in *Scilicet*, n. 4., 1976.

¹⁷ Cláudia de Lemos, “Da morte de Saussure o que se comemora?”, in *Revista Psicanálise e Universidade*, n.3, P.E.P.G. PUC/SÃO PAULO, 1995.

¹⁸ Ferdinand de Saussure, Ms. fr. 3964. Caderno escolar sem capa, intitulado *Le passage Tempus erat... du livre II de l'Énéide*. Saussure acrescentou com lápis azul: (para ser lido especialmente). In Jean Starobinski, *As palavras sob as palavras: os anagramas de Ferdinand de Saussure*, trad. de Carlos Vogt, São Paulo: Perspectiva, 1974, p. 39-40 (todas as citações dos cadernos são dessa obra).

¹⁹ Idem, p. 39.

²⁰ Ms. fr. 3965. Caderno de tecido amarelo intitulado *Cicéron Pline, le jeune, fin.* (p. 24).

²¹ Ms. fr. 3964. Caderno escolar sem capa, intitulado *Le passage Tempus erat... du livre II de l'Énéide*. (entre parênteses) (p. 40).

²² Starobinski informa que Saussure encontrará o nome *Hector* em oito anagramas. Idem.

anagramático, como um permanente segredo de fabricação. A diacronia, no caso, não o interessa... já não tem muito mais sentido em se colocar tal pretensão {...} caso se admita um encadeamento histórico, ou melhor, uma cadeia da qual não conhecemos nem mesmo o primeiro elo de maneira segura²⁴. São, então, os anagramas que forçam Saussure a uma saída radical da linearidade? Será, ele se pergunta, que eles convidam o leitor não mais a uma justaposição na consecutividade, mas a uma média das impressões acústicas fora do tempo? Fora da ordem que têm os elementos no tempo? Fora da ordem linear que é observada? Amalgamando os elementos fora do tempo como se poderia fazê-lo com duas cores simultâneas?²⁵. O nome de Heitor, que falta na passagem *Tempus erat*, da Eneida, surgindo fora da linhagem, escreve-se para Saussure não como mudança, cuja genealogia poderia ser talvez reconstruída, mas como mutação, como monstruosidade. Numa carta (de 14 de julho de 1906) a um destinatário desconhecido, Saussure relata que interroga o monstro, operando às cegas contra ele. Isso que, quando se mo(n)stra, parece ser uma luz²⁶.

Nessa exploração material da língua, entendo que estão, ambos, o comparatista, trabalhando com a decomposição etimológica, e o lingüista decifrador, buscando nos anagramas, sem memória e sem projeto, a razão de seu surgimento e do silêncio que se teria imposto sobre seu processo (numa evidência inconfessa). Na gramática comparada, o ana-gramático imparável apresenta-se numa harmonia não mensurável, que resiste ao estabelecimento. O anagrama escapa às categorias da língua, não como variação que se terá mudado em *fato de língua* - acomodado na gramática das normas ou dos desvios (como figuras, vícios, barbarismos); mas de um modo estranhamente familiar, como o que ex-siste à língua embora a ela permaneça ligado, em inter-dicção, trazendo o que há de inquietante nesse aspecto *unheimlich* da linguagem. Um familiar que, pertencendo, não pertence à família, como o bastardo *familionário* - não genuíno, impuro (no francês antigo, *fiis de bast*; no inglês, *packsaddle son* - filho carregado, suportado). Entre a inscrição familiar com certidão de nascimento (como o *voler* do falcão nos livros de falcoaria²⁷) e a bastardia do anagrama, uma inscrição *sem estado civil*, como diz Lacan²⁸, sem código de legibilidade, Saussure se interroga sobre a própria criação da língua: A língua só é criada com vistas ao discurso, mas o que separará o discurso da língua ou o que, num dado momento, permitirá dizer que a língua *entra em ação como discurso?*²⁹. Saussure quer o vir-a-ser (da) língua; aquele instante em que ainda não seria discurso, ainda não posta em ação.

²³ Jean Starobinski, op. cit., p 41.

²⁴ Ms. fr. 3962. Versos saturninos. Caderno rosa sem título na capa (p. 42).

²⁵ Ms.fr.3963. Caderno escolar sem título (p. 35).

²⁶ Ms. fr. 3969 (p. 89)

²⁷ Refiro-me ao trabalho de reconstrução das relações homonímicas do verbo francês *voler*: voar e roubar, de Benveniste (*Problèmes de Linguistique Générale*, Paris:Gallimard, 1966), apud C. de Lemos, op. cit.

²⁸ J. Lacan, *Escritos*, op. cit., p. 85.

²⁹ Ms. fr. 3961. Caderno escolar sem título. In J. Starobinski, op. cit., p. 12.

Saussure se embaraça: ficaria encantado se me mostrassem que não existe anagrama³⁰. Mas reconhece-o incontestável, uma vez que confessa que não podia deixar de lê-lo. Trata-se de um saber que ele não logra alcançar, apreender, inteligir; mas algo ali se transmite, sem que sejam necessárias contorções de pensamento, e de tal forma que cada época podia aí ver o que queria, e não viu sempre a mesma coisa³¹. Mas, se o anagrama é, enfim, pro-gramado, quem seria o programador? Quem teria tempo para se dar a esse tipo de jogo? Saussure pergunta ao poeta se o teria premeditado, mas o poeta não responde. Por que seu segredo não se revela? É que o anagrama se ob-litera mostrando a própria ob-literação, em ato (letras escondidas não sob outras letras, mas entre elas), e é assim que preserva seu segredo sem segredo, o vazio dos bastidores. Saussure confessará que, enfim, isso lhe escapa absolutamente: Não vejo outra coisa a fazer senão apresentar o enigma tal como ele se oferece³².

Saussure ignora o convite de Meillet a não retardar a publicação *disso* — que a ele também, Meillet, já havia surpreendido — e retém seus cadernos escolares. O fundador da ciência lingüística oblitera o decifrador? O momento não era propício? Temia uma condenação? As hipóteses se acumulam, mas penso que se poderia aqui repetir o que Lacan enuncia a propósito do livro dos chistes, a propósito daquilo que Freud expõe, mas que, em sua réplica luminosa, o chiste mascara: é preciso que aquilo *que lhe foi estranho em seu achado* [para que extraia dele seu prazer] *...assim permaneça para que esse achado surta efeito*³³. É isso que me leva a pensar que esse efeito surgirá no *Curso*. Na busca de coerência do gramático comparatista, o secreto amor-tecido nesse achado que o ultrapassa dará a Saussure a senha, a palavra de passe para a ordem própria da língua: o jogo autônomo da pura diferença em que cada elemento é o que os outros não são.

Que autonomia seria essa? Se a língua só se dá em seu acontecimento como fala, como fazer uma ciência da língua ignorando esse acontecimento? No seu acontecimento como fala, o jogo das diferenças (pressuposto) só pode ser tomado na oposição (posto), ou seja, enquanto oposição, impondo, como observa Lacan³⁴, a uma *diacronia de fato* — *muito freqüentemente somente o que é visado na articulação das leis do significante* (e que se tende a tomar por uma realidade empírica - empiria que Saussure recusa) uma *diacronia de direito*, um sistema de valores simbólicos *através do qual reencontramos a estrutura*. A partir do instante em que seus elementos entram em relação na fala, a articulação distintiva emerge da diferença. Diferença e oposição estão, então, intimamente ligadas, mas essa diferença não se mostra senão já articulada, senão mudada, performance mudada em competência, acrescentando-se a ela, suplementando-

³⁰ Mr. fr. 3963. Caderno intitulado *Anagrammes se rapportant à des personnages ou à des noms incidents*. In J. Starobinski, op. cit., p. 84.

³¹ Ms. fr. 3957/2. Rascunho de carta, destinatário desconhecido, fragmento. Idem, p. 88.

³² Ms. fr. 3963. Caderno escolar sem título. Idem, p. 92.

³³ Jacques Lacan, "Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise", in *Escritos*, op. cit., p. 272.

³⁴ Jacques Lacan, *L'Identification*, lição de 22 de novembro de 1961, seminário inédito.

a. Compete à língua qualificá-la legalmente, admiti-la, permiti-la. Lei da agonística, da competição (*petere* é ir em direção a). A língua, então, reconhece nela a sua diferença.

Se em matéria de *Igem* o problema das origens não difere daquele das condições permanentes, é que cada mudança reabre permanentemente essa origem intervalar, entre o sistema de diferenças e o sistema de oposições. Momento mítico da origem que diz ao mesmo tempo a presença e a ausência, e o corte que permitiu articulá-las, no movimento que deixa entrever a abertura da língua à contingência da fala, em que o jogo das oposições *tempera* o jogo das diferenças, obliterando sua não-coincidência. Mas isso fala, e não cessa de reintroduzir a diferença, trazendo também o seu sal, dando à língua um novo sabor, um temperamento. Desse momento, não se pode testemunhar senão *après-coup* - após o corte (coup), a interrupção, a falha, que (couple) emparelha, atrela, articula, acopla. Acontecimento sempre já não apresentável (já não mais) e não antecipável (ainda não). A impossibilidade de ultrapassar esse limite, a *inter-dicção* anagramática, surge como uma reserva indígena, como diz Lacan, no seio de uma rede social, um nó, que deve ser designado como do real³⁵. Isso que aparece, como nota Starobinski, como *proibição*, fazendo nascer o sentimento de culpa (coupable³⁶).

Se, para o sujeito-falante, a “dualité interne” da mudança fica obliterada pelo funcionamento sistêmico, fazendo, a cada instante, da contingência uma necessidade, o anagrama aparece como um in-cidente verbal que excede essa dualidade, escrevendo sua impossibilidade como um excesso não domesticável, resistindo a todos os cálculos, deixando Saussure na soleira da porta³⁷, da porta da lei. Com o anagrama, Saussure encontra uma sincronia que exige uma dia-cronia outra, que não se dá através do tempo, na linearidade, mas que atravessa o tempo (cada época podia ver aí o que queria), projetando-se para fora.

3. Retorno agora ao trabalho de Cláudia de Lemos 1998, retomando-o em dois momentos: em sua passagem para a aquisição de linguagem como *processo subjetivante (definível pelas mudanças na posição da criança numa estrutura, na qual a língua, a fala do outro em seu sentido pleno estão inextricavelmente relacionadas com um “corpo pulsional”, isto é, com a criança como um corpo cuja atividade demanda interpretação)*³⁸ e na afirmação final, quando diz, com outras palavras, que, se desse processo só se pode supor uma origem mítica (que Freud encena em *Mais além do princípio do prazer*³⁹, e que retomo a seguir), também não se pode determinar um resultado final. *Nenhuma das relações estruturais discutidas acima [a propósito das mudanças de posição observadas na criança] está ausente da fala do adulto. Estão*

³⁵ J. Lacan, *Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*, op. cit., p. 80.

³⁶ Em “Vers un signifiant nouveau”, Lacan joga com o real evocado pela palavra *reus*, que quer dizer *culpado*, afirmando que se é sempre, mais ou menos, *culpado do real* (in *Ornicar?* n. 17/18, 1979, p. 9).

³⁷ J. Starobinski, op. cit., p.73.

³⁸ C. de Lemos, op. cit.

³⁹ Sigmund Freud, “Mais além do princípio do prazer”, in *Obras Completas*, trad. de C. Magalhães de Freitas, Rio de Janeiro: Delta, 1959, pp. 509-571.

apenas *obliteradas, em eclipse*⁴⁰. Eclipse lunar. Por que não um eclipse do sol? Do sol que não se pode olhar de frente, cujo brilho pode cegar? É que nos processos de aquisição de linguagem, conhecimento, desconhecimento, reconhecimento não mimetizam as fases da lua, postas em eclipse, questionando a noção de desenvolvimento.

A criança de Freud, em *Mais além do princípio do prazer*, começa a cantar um *o-o-o* prolongado, mimando o atirar longe os seus brinquedos, num *perturbador costume de arrojar longe de si a um canto do quarto, sob a cama ou em lugares semelhantes, todos os pequenos objetos de que poderia apoderar-se*⁴¹. Ela brinca, joga esse brincar numa repetição. Um cantofalado em que se atira de corpo inteiro. Enquanto fazia isso, relata Freud, *costumava produzir, com expressão interessada e satisfeita, um agudo e longo som, o-o-o-o, que a juízo da mãe e meu não correspondia à interjeição, mas significava Fort (fora)*⁴². Em outro momento, com o objeto preso por um barbante, diz Freud, atira-o para a cortina do berço atrás da qual desaparece com um *o-o-o-o* que prolonga seu gesto. Até que puxa de volta o carretel e uma oclusiva⁴³ interrompe aquele canto, o *Da* não mais prolonga, mas corta, interrompe, sua boca se fecha, o tímpano registra o pulso, e a oposição fonológica recorta o contínuo fonético, temperando a vibração sonora e permitindo a escuta, significada pelo outro, sancionada pelo Outro. *Fort-Da*, fora-aqui, vai-vem/vem-vai. Ela repete, articula - e articular é romper, sacrificar, instaurando a necessária ordem da perda.

Numa nota de rodapé, Freud conta que a criança *tinha encontrado um meio de se fazer desaparecer a si mesma*, num espelho que havia em seu quarto, e acrescenta que *essa observação confirma a outra*⁴⁴. Ela se atira fora como objeto do acontecimento. Ao chamar-se de volta.... começa a jogar. A criança só se dá conta, só se conta, na cesura, no desaparecimento, na ausência que lhe permite vir-a-ser, re-presentada no espelho, entre o *o* e o *a*. Ela se exercita obliterando um objeto, modulando essa alternância com sílabas distintas.... Nesse momento, separa gesto e fala - alterna - nasce o sím-bolo (atirar junto), repete o exercício da discriminação e reabre o corte da articulação em seu enigma, *apenas um vislumbre luminoso da entrada do indivíduo numa ordem cuja massa o sustenta e o acolhe sob a forma da linguagem e que superpõe, tanto na diacronia quanto na sincronia, a determinação do significante à do significado*⁴⁵.

No sistema de diferenças pressuposto por Saussure — sistema autônomo, fechado, todo — como se daria a mudança? Aí alienada, sempre frente a um estado, como a criança poderia se separar? Apenas como sistema, ao mesmo tempo pressuposto e posto pelo sistema de oposições, em que cada termo é marcado diferencialmente pelo jogo de presença e ausência (momento que dispõe Freud à in(ter)venção do *Fort-Da*), é que se pode delimitar um vazio, sempre obliterado, mas que pode vir-a-brilhar de repente,

⁴⁰ C. de Lemos, op. cit.

⁴¹ S. Freud, op. cit., p. 519.

⁴² Idem, ibidem.

⁴³ No seminário *L'Identification*, Jacques Lacan comenta a diferença entre canto e fala, considerando o "tempo mudo" da oclusão. Lição de 29 de novembro de 1961 (inédito).

⁴⁴ Idem, p. 520.

⁴⁵ J. Lacan, "O Seminário sobre *A Carta roubada*", in *Escritos*, op. cit., p. 51.

maravilhando (como no chiste) ou causando o horror. Nesse vazio, que reabre sempre pela primeira vez o sistema, a criança encontra a falta em que se aliena, mas, colocando-se como correlata da falta (como a criança freudiana fazendo-se desaparecer no espelho), ela se faz falta, pode se separar. Esse processo de subjetivação se repete cada vez que o jogo das diferenças retorna, atravessando a língua, levando-nos a esse momento de criação simultânea da língua e da fala, momento mítico da origem obliterada.

Uma vez divididos pelo desdobrar da presença-ausência, não suportamos o intervalo em seu brilho singular, não suportamos o que aí se perde nessa inter-dicção. Então, fantasiemos um depois, um já não mais, na suposição de evitá-los, e vivemos obsessivamente retardando sua vinda, recalçando-a (porque ela já se terá dado, de todo modo); ou fantasiemos um antes, um ainda não, em que teríamos vivido sem a perda, precipitados histericamente no depois dela, reminiscendo o que aí se terá perdido. O poeta é o que re-vive essa travessia, *entulhando-a*, como diz Lacan, *com a poesia, que é efeito de sentido, mas também efeito de furo*⁴⁶. É essa travessia que à lingüística, como ciência, só resta obliterar, e que a psicanálise freudiana, deixando ao poeta seu enigma, convida a passar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- De LEMOS, C., "Questioning the notion of development: the case of language acquisition", 1999, *mimeo*.
_____. *Notas de aula*, curso ministrado no IEL – Unicamp, 1997.
_____. "Da morte de Saussure o que se comemora?", in *Revista Psicanálise e Universidade*, n.3, P.E.P.G. PUC/SÃO PAULO, 1995.
- FREUD, S. "Mais além do princípio do prazer", in *Obras Completas*, trad. de C. Magalhães de Freitas, Rio de Janeiro: Delta, 1959.
- LACAN, J., *L'Identification*, lição de 22 de novembro de 1961, seminário inédito.
_____. *Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*, Seminário 11, Paris: Points, 1964.
_____. *Escritos*, trad. de Vera Ribeiro, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
_____. "Conférence à Genève sur le symptôme", in *Bulletin de l'Association freudienne internationale*, Paris, 1996.
_____. "L'Étourdit", in *Scilicet*, n. 4., 1976.
_____. "Vers un signifiant nouveau", in *Ornicar?* n. 17/18, 1979.
- NIETZSCHE, F., "O eterno retorno", in *Obras incompletas*, tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho, São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- STAROBINSKI, J., *As palavras sob as palavras: os anagramas de Ferdinand de Saussure*, trad. de Carlos Vogt, São Paulo: Perspectiva, 1974.

⁴⁶ J. Lacan, "Vers un signifiant nouveau", op. cit., p. 21.